



BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CRISE E TEMPO

Etimologicamente, “crise” significa “momento de decisão”, “mudança súbita”. Na sua aplicação, hoje omnipresente, no âmbito da economia, a palavra entrou em circulação nas diversas línguas europeias a partir do século XIX, traduzindo as lógicas de contraciclo inerentes à dinâmica do capitalismo, com todas as suas consequências. Na reflexão do século XX, o conceito ganha centralidade, seja do ponto de vista da reflexão histórica sobre as sucessivas convulsões de vários tipos que marcaram a “era dos extremos”, seja na reflexão filosófica, sociológica ou estética sobre a crise de uma modernidade cujos limites se iam tornando crescentemente visíveis. É assim que o conceito de crise subjaz por inteiro à crítica à dialéctica do Iluminismo, enquanto prevalência última daquela racionalidade instrumental que hoje, para o cidadão comum, encontra a manifestação mais palpável na lógica dos mercados.

O discurso da crise é uma narrativa que define limites aparentemente intransponíveis ao quadro do pensável e que, como qualquer discurso, cala tanto quanto fala. Mas, na verdade, como nos lembra Hannah Arendt, o aspecto produtivo de uma situação de crise está em que “nos força a fazer as perguntas outra vez”. Uma crise “só se transforma numa calamidade se a resposta que lhe dermos forem juízos prontos a usar, isto é, preconceitos”. O tempo da crise é, pois, um tempo que há-de definir-se, não tanto pela tirania de um presente supostamente inquestionável, mas, muito mais, pela possibilidade futurante do emergir da crítica e da eventualidade da transformação – económica, política, social, cultural. É, pois, a capacidade de reformular as nossas perguntas e respostas e, assim, de abrir portas ao confronto criativo e à produção de alternativas que é posta à prova.

Foi a partir destas reflexões sumárias que o presente número da *Biblos* se abriu a propostas de colaboração. As respostas que chegaram

distribuem-se por um leque amplo de temáticas e situam-se em campos disciplinares muito diversos. Confluem, no entanto, num conjunto de preocupações comuns. Sendo certo que só nalguns casos sobressai uma referência directa à actualidade, o conjunto denso de reflexões aqui reunido oferece contributos para repensar a questão da crise e do tempo da crise cujo significado o leitor mais atento facilmente discernirá.

Completa o número um conjunto de trabalhos sobre temáticas várias.

António Sousa Ribeiro